

O CUIDADO EM SAÚDE MENTAL NA PERSPECTIVA DOS USUÁRIOS DE UM CAPS

MARIA ANTÔNIA SERPA SOLÉ¹; FÉLIX MIGUEL NASCIMENTO
GUAZINA²; DIEGO ELIAS RODRIGUES DOS SANTOS³

¹Escola de Saúde Pública do Estado do Rio Grande do Sul1 – mantoniasole@gmail.com

²Universidade Franciscana – guazina@gmail.com

³SMS- São Lourenço do Sul– enfermeirodiegoeliassantos@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os Centros de Atenção Psicossocial são serviços da rede pública de saúde, que trabalham de forma substitutiva ao modelo asilar presente nos hospitais psiquiátricos, ofertando uma nova forma de cuidado, humanizado e em liberdade. Foram instaurados mediante Portaria /SNAS Nº 224 (ID, 2004), através da Reforma Psiquiátrica, os serviços substitutivos visam superar o modelo manicomial, guiados por novas bases teóricas e de valores éticos que proporcionem uma maneira de conviver de forma solidária e inclusiva na sociedade. Os CAPS buscam, além disso, serem substitutivos às internações psiquiátricas, ofertando cuidado e atenção à crise, possibilitando um espaço de convivência e construção de relações que se estendam ao território da vida cotidiana dos usuários (HIRDES, 2009). Durante o percurso da desinstitucionalização, surgiram os novos desafios. Um deles sugere que um serviço ser externo ou aberto não assegura a sua característica não manicomial, competindo pesquisar a respeito da estrutura dos serviços, as intervenções dos profissionais frente à assistência ao usuário para diagnosticar resquícios, ou não, manicomiais (AMARANTE, 2015). Considerando o exposto acima a pesquisa visa à reflexão sobre nossas práticas com os usuários, partindo da percepção deles sobre o cuidado que vem sendo ofertado.

A pesquisa obteve como objetivo compreender as perspectivas dos usuários de um CAPS acerca do cuidado recebido, proporcionando um momento de reflexão e de discussão entre os usuários que acessam o serviço, sobre o cuidado que é ofertado para seu tratamento e o significado que o mesmo apresenta em suas vidas. O instrumento de dar voz aos usuários para exporem a sua perspectiva sobre o tratamento realizado no serviço contribui na qualificação das práticas, visto que, alguns estudos, já referem que a qualificação das práticas é um aspecto indispensável para manter a sustentação da Reforma Psiquiátrica, assegurando a permanência dos usuários em seus contextos familiares, propiciando um cuidado em liberdade e em seu território, com isso, interrompendo as internações frequentes, estigmatizações e cronificações (SILVA; DIMENSTEIN, 2014).

2. METODOLOGIA

Este estudo de cunho qualitativo e descritivo foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul- RS (CAAE 24 10412919.2.0000.5312). Os procedimentos de levantamento de dados utilizados para perfazer o estudo foram, primeiramente, a revisão bibliográfica acerca do tema selecionado, tomando como base as Políticas Públicas de Saúde Mental, especificamente sobre a Reforma Psiquiátrica e sobre



o cuidado em saúde mental em um Centro de Atenção Psicossocial I. Após a busca na literatura sobre os temas elencados, iniciaram-se os encontros com os usuários através no formato de grupo focal, utilizando um roteiro de questões, a fim de analisar a compreensão dos usuários acerca das práticas de cuidado recebidas em saúde mental em um CAPS I. A participação dos usuários na pesquisa poderá contribuir na reflexão sobre as práticas em cuidado de saúde mental e como esse cuidado repercute na vida dos usuários, propiciando com isso, possíveis ações para qualificar ainda mais o cuidado em saúde mental no município.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os relatos abordaram a forma com que os usuários lidam com o CID, alguns trazem como se fosse um “fardo”, quando mencionam que “carregam” e sabem que vão carregar. Outros trazem a doença como algo provisório, trazendo que definir algo de maneira estanque é muito questionável – se assim fosse - estaria considerando apenas os aspectos biológicos. Outros trazem a importância de considerar a transformação constante em todas as dimensões da vida humana valorizando a medicina oriental. Desviat (2018) identifica como um dos desafios do cuidado a consciência da doença, visto que o usuário pode tomar como uma imposição, uma aceitação forçada de uma condição, que poderá ter efeitos diversos em suas relações. O autor coloca que após ter a consciência de um diagnóstico, pode-se iniciar uma dependência indefinida e a necessidade de um tratamento ao longo da vida. Para o autor, mesmo quando estão sendo atendidos em serviços comunitários, esses usuários são institucionalizados, a escuta nesses espaços corre o risco de partir de um paternalismo daquele que tem a verdade a respeito de como agir, do que é melhor para a sua saúde e para a sua vida.

O tempo de tratamento dos participantes foi algo que se destacou por ser um longo período para a maioria, essa questão provoca uma reflexão sobre a cronicidade, muitas vezes atribuída exclusivamente à doença, esquecendo-nos que estar institucionalizado por um longo período, ainda que em um serviço de caráter comunitário pode também contribuir para uma cronicidade. Severo (2009) aponta que muitas vezes os CAPS's configuram-se como o único espaço que possibilita a sociabilidade entre os usuários, que muitas vezes ficam restritos ao “circuito especial” (rede especializada de serviços de saúde mental – domicílio) o que pode ocasionar uma dependência destes em relação a esses serviços, além de indicar a existência de uma cronificação dos usuários dentro da rede. Essa permanência indiscriminada no serviço gera excesso de demanda e, consequentemente, sobrecarrega os profissionais de forma a não darem conta de atenderem satisfatoriamente os usuários que utilizam do serviço.

Através dos relatos observamos alguns dos desafios do cuidado em saúde mental, os quais foram trazidos pelos usuários do CAPS durante o grupo focal. Um deles diz respeito à transitoriedade nos serviços os relatos referiram permanência de um longo período no CAPS, por parte da maioria dos integrantes. Essa questão do serviço como um “espaço meio para tratamento” e não como “espaço fim”, relaciona-se com a cronificação, visto que interfere não somente em sua reabilitação psicossocial, como também na subjetividade dos usuários. Também foi observado durante os discursos o papel da medicalização na vida do sujeito, prevalecendo uma incerteza por parte de alguns usuários em ter de tomar o medicamento por talvez toda a vida, já outros mencionaram sobre a certeza em ter de tomar por toda a vida visto que relacionam a doença mental com a necessidade de medicação contínua. Além disso, também relataram sobre a



questão das implicações do diagnóstico de doença mental na vida, mencionaram sobre o estigma, preconceito, autoestima e a constante busca por um equilíbrio.

Nas falas em alguns momentos podemos identificar os principais desafios da Reforma Psiquiátrica, esses desafios são visualizados quando alguns usuários se percebem “entre parênteses”, quando o cuidado centralizou-se na doença, quando mencionam sobre a frieza nas relações, quando se apresentam com o transtorno, quando trazem um sentimento de coisificação afirmando que não são máquinas. Em outros momentos foi possível através da fala de outros usuários visualizarem as potencialidades no cuidado trazidas no grupo focal referindo sobre a potência dos espaços coletivos como forma de intervenção ao tratamento. Os usuários trazem sobre a importância da troca de experiências entre usuários e abordam que esses espaços contribuem em sua autoestima, autonomia e a não se sentir “tão estranho”, possibilitando escutar o outro, perceber outras realidades e até mesmo criar uma rede de apoio. Com isso, podemos perceber a relevância da clínica ampliada e dos vínculos afetivos construídos não somente entre profissionais e usuários, mas também entre os próprios usuários. Ressaltaram como potencialidade atendimentos com profissionais do serviço que propiciaram que se sentissem acolhidos e não julgados, evidenciando esses momentos nos quais suas falas foram devidamente legitimadas como pessoa e não como objeto de uma doença.

Sobre a eficiência da atividade grupal constatou-se que atividades em grupos apresentam-se como uma estratégia útil para manter a força e esperança entre os usuários, configurando como espaços e ambientes propícios à aprendizagem e compartilhamento de informações e transformando-se em uma rede de apoio para essas pessoas. Por meio da oferta de informações e suporte emocional é possível ajudar as famílias a enfrentar a crise vivida, atenuar seu sofrimento e reduzir a ansiedade. Dessa forma, o espaço coletivo como uma das atividades incluídas no Projeto Terapêutico Singular, foi mencionado por alguns usuários como importante mediador de trocas por estarem entre seus pares e que, segundo eles compartilham de sintomas e vivências semelhantes e também mencionaram que esse espaço proporcionam novas experiências. A horizontalidade nas relações com os demais integrantes, não se restringindo somente na relação entre os usuários, é uma potencialidade, um traço marcante e importante para os usuários, quando referem suas experiências de participação nas atividades em grupo:

Os usuários da pesquisa mencionaram a grande relevância do medicamento na vida deles, mas também reconheceram que apenas a medicação não é o suficiente. Trouxeram a importância dos grupos, como meio de criação de redes de apoio e trocas de experiência, mencionaram sobre a importância do grupo de familiares visto que são eles que acompanham o processo de adoecimento e muitas vezes precisam de um espaço de cuidado, trouxeram sobre atividades expressivas tais como: teatro, poesia, dança, música e mencionaram que gostariam de praticar atividades físicas. Com isso, precisamos pensar o cuidado para além dos muros do CAPS, analisando quais recursos temos disponíveis na atenção básica e principalmente no território que poderá contribuir no tratamento dos usuários, para que cada vez mais possamos potencializar a interdisciplinariedade e integralidade no cuidado com o usuário.

Quando trabalhamos com a perspectiva do cuidado integral ampliamos os horizontes e saímos da zona de conforto. Precisamos nos aproximar mais sobre as histórias dos nossos usuários, seu território, suas potencialidades, identificar suas redes de apoio e contexto social. A reinserção social é um dos objetivos fundamentais dos CAPS's envolve o retorno ou o ingresso da pessoa em sua



família, comunidade, partindo do princípio que a sociedade (re)inclui os sujeitos que ela também exclui, mediante estratégias nas quais essas pessoas marginalizadas (que ficam à margem) tenham a oportunidade de expressão e posicionamento ou em outras palavras de ter a sua fala legitimada, ou seja, não como simples “objetos de assistência”, mas enquanto pessoas partícipes (MONTEIRO, 2010).

4. CONCLUSÕES

Os encontros realizados no formato de grupo focal com os usuários foram relevantes para escutarmos as dimensões do cuidado em saúde mental pelo olhar de quem recebe este cuidado. As falas trazidas pelos mesmos nos fazem refletir sobre os desafios que ainda atravessam o processo de cuidado tais como: a relação da cronicidade com o tempo de institucionalização, a doença mental e suas repercussões na vida dos usuários e a medicalização no cuidado. Destacou-se como potencialidades a importância dos grupos no tratamento, a humanização no cuidado, os vínculos construídos no serviço, a potência criativa como meio de expressão e também como forma de compartilhamento no laço social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARANTE, P.A;TORRE, E.H.G. **A constituição de boas práticas no campo da atenção psicossocial: análise dos projetos pioneiros na reforma psiquiátrica no Brasil**. Saúde em Debate, 2001.
- BRASIL, Portaria, S. N. A. S. No. 224 de 29 de janeiro de 1992. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Legislação em Saúde Mental**, v. 2004, p. 17- 20,1990.
- DESVIAT, M. **Coabitar a diferença: da reforma psiquiátrica à Saúde Mental Coletiva**. São Paulo: Zagodon, 2018.
- HIRDES, Alice. A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, p. 297-305, 2009.
- SEVERO, ANA KALLINY DE SOUSA. **A cronificação nos serviços substitutivos na rede de saúde mental de Natal/RN. 2009**. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- SILVA, MAURA LIMA BEZERRA E; DIMENSTEIN, MAGDA DINIZ BEZERRA. Manejo da crise: encaminhamento e internação psiquiátrica em questão. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 66, n. 3, p. 31-46, 2014.
- MONTEIRO CFS, Vieira TS. Serviços residenciais terapêuticos: um dispositivo de reinserção social no contexto da reforma psiquiátrica. **Revista Interdisciplinar** 2010;3:44-8.
- .